

35. DONDE HÁ DE VIR JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS

668-682



INTRODUÇÃO

Nós cremos que Cristo virá de novo no fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos. Os profetas do Antigo Testamento anunciaram a vinda do “Dia do Senhor” no qual a vontade de Deus será manifestada, as nações serão julgadas e serão distribuídas bênçãos com abundância (Is 2,6-22; Jr 17,16-18; Am 5,18-20).

Desenvolvendo as imagens do Antigo Testamento, os evangelhos sinóticos falam do grão que será separado da palha (Lc 3,17), da cizânia que será queimada, enquanto o trigo será recolhido nos armazéns (Mt 13,24-30.36-43), dos peixes bons que serão recolhidos enquanto os maus serão jogados fora (Mt 13,47-50).

O Evangelho de João, ainda que afirme um juízo futuro (Jo 5,28-29), sublinha que o juízo já se realiza no presente, no aqui e no agora em que se aceita ou se rejeita a fé em Cristo (Jo 3,18-19).

A Igreja ensinou no Concílio de Florença que, além do juízo universal no fim dos tempos, há também o juízo particular de cada um imediatamente depois da morte (DS 1304-1306). Todavia, dada a natureza social e relacional do ser humano e da sua redenção, o juízo universal no fim dos tempos permanece fundamental.

TEXTO 668-682

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

ARTIGO 7: DONDE VIRÁ JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS



I. ELE VOLTARÁ NA GLÓRIA

Cristo já reina pela igreja...

668. “Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos” (Rm 14,9). A Ascensão de Cristo ao Céu significa sua participação, em sua humanidade, no poder e na autoridade do próprio Deus. Jesus Cristo é Senhor: possui todo poder nos céus e na terra. Está “acima de toda autoridade, poder, potestado e soberania”, pois o Pai “tudo submeteu a seus pés” (Ef 1,20-22). Cristo é o Senhor do cosmo e da história. Nele, a história do homem e mesmo toda a criação encontram sua “**recapitulação**” (cf. glossário) sua consumação transcendente.

Parágrafos Relacionados 450, 518

Como Senhor, Cristo é também a cabeça da Igreja, que é seu Corpo. Elevado ao céu e glorificado, tendo assim cumprido plenamente sua missão, Ele permanece na terra em

sua Igreja. A redenção é a fonte da autoridade que Cristo, em Virtude do Espírito Santo, exerce sobre a Igreja. “O Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja”, germe e início deste Reino na terra.

Parágrafos Relacionados 792, 1088, 541

Desde a Ascensão, o desígnio de Deus entrou em sua consumação. Já estamos na “última hora” (1Jo 2,18). “Portanto, a era final do mundo já chegou para nós, e a renovação do mundo está irrevogavelmente realizada e, de certo modo, já está antecipada nesta terra. Pois já na terra a Igreja se reveste de verdadeira santidade, embora imperfeita”. O Reino de Cristo já manifesta sua presença pelos sinais milagrosos que acompanham seu anúncio pela Igreja.

Parágrafos Relacionados 1042, 825, 547



À espera de que tudo lhe seja submetido

Já presente em sua Igreja, o Reino de Cristo ainda não está consumado “com poder e grande glória” (Lc 21,17) pelo advento do Rei na terra. Esse Reino é ainda atacado pelos poderes maus, embora estes já tenham sido vencidos em suas bases pela Páscoa de Cristo. Enquanto tudo não for submetido a ele, “enquanto não houver novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça, a Igreja peregrina leva consigo em seus sacramentos e em suas instituições, que pertencem à idade presente, a figura deste mundo que passa, e ela mesma vive entre as criaturas que gemem e sofrem como que dores de parto até o presente e aguardam a manifestação dos filhos de Deus”. Por este motivo os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia, para apressar a volta de Cristo, dizendo-lhe: “Vem, Senhor” (Ap 22,20).

Parágrafos Relacionados 1043, 769, 773, 1043, 2046, 2817

Cristo afirmou antes de sua Ascensão que ainda não chegara a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel, que deveria trazer a todos os homens, segundo os profetas a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho mas é também um tempo ainda marcado pela “tristeza” e pela provação do mal, que não poupa a Igreja e inaugura os combates dos últimos dias. E um tempo de expectativa e de vigília.

Parágrafos Relacionados 732, 2612

O advento glorioso de Cristo, esperança de Israel

A partir da Ascensão, o advento de Cristo na glória é iminente, embora não nos “caiba conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade” (At 1,7). Este acontecimento escatológico pode ocorrer a qualquer momento, ainda que estejam “retidos” tanto ele como a provação final que há de precedê-lo.

Parágrafos Relacionados 1040, 1048

A vinda do Messias glorioso depende a todo momento da história do reconhecimento dele por “todo Israel”. Uma parte desse Israel se “endureceu” (Rm 5) na “incredulidade” (Rm 11,20) para com Jesus. São Pedro o afirma aos judeus de Jerusalém depois de Pentecostes: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, a fim de que sejam apagados os vossos pecados e deste modo venham da face do Senhor os tempos de refrigério. Então enviará Ele o Cristo que vos foi destinado, Jesus a quem o céu deve acolher até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de seus santos profetas” (At 3,19-21). E São Paulo lhe faz eco: “Se a rejeição deles resultou na reconciliação do mundo, O que será o acolhimento deles senão a vida que vem dos mortos?” A entrada da “plenitude dos judeus” na salvação messiânica, depois da “plenitude dos pagãos”, dará ao Povo de Deus a possibilidade de “realizar a plenitude de Cristo” (Ef 4, 13), na qual “Deus ser tudo em todos” (1Cor 15,28).

Parágrafos Relacionados 840, 58

A provação derradeira da Igreja

Antes do advento de Cristo, a Igreja deve passar por uma provação final que abalar a fé de muitos crentes. A perseguição que acompanha a peregrinação dela na terra desvendará o “mistério de iniquidade” sob a forma de uma impostura religiosa que há de trazer aos homens uma solução aparente a seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A impostura religiosa suprema é a do **Anticristo** (cf. glossário), isto é, a de um pseudo-messianismo em que o homem glorifica a si mesmo em lugar de Deus e de seu Messias que veio na carne.

Parágrafo Relacionado 769

Esta impostura anticristica já se esboça no mundo toda vez que se pretende realizar na história a esperança messiânica que só pode realiza-se para além dela, por meio do juízo escatológico: mesmo em sua forma mitigada, a Igreja rejeitou esta falsificação do Reino vindouro sob o nome de **milénarismo** (cf. glossário), sobretudo sob a forma política de um messianismo secularizado, intrinsecamente perverso.

Parágrafo Relacionado 2425

A Igreja só entrará na glória do Reino por meio desta derradeira Páscoa, em que seguirá seu Senhor em sua Morte e Ressurreição. Portanto, o Reino não se realizará por um triunfo histórico da Igreja segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o desencadeamento último do mal, que fará sua Esposa descer do Céu. O triunfo de Deus sobre a revolta do mal assumirá a forma do Juízo Final depois do derradeiro abalo cósmico deste mundo que passa.

Parágrafos Relacionados 1340, 2853



II. PARA JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS

Na linha dos profetas e de João Batista, Jesus anunciou em sua pregação o Juízo do último Dia. Então será revelada a conduta de cada um e o segredo dos corações. Será também condenada a incredulidade culpada que fez pouco caso da graça oferecida por Deus. A atitude em relação ao próximo revelará o acolhimento ou a recusa da graça e do amor divino Jesus dirá no último Dia: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

Parágrafo Relacionado 1470

Cristo é Senhor da Vida Eterna. O pleno direito de julgar definitivamente as obras e os corações dos homens pertence a Ele enquanto Redentor do mundo. Ele “adquiriu” este direito por sua Cruz. O Pai entregou “todo o julgamento ao Filho” (Jo 5,22). Ora, o Filho não veio para julgar, mas para salvar e para dar a vida que está nele. É pela recusa da graça nesta vida que cada um já se julga a si mesmo recebe de acordo com suas obras e pode até condenar-se para a eternidade ao recusar o Espírito de amor.

Parágrafo Relacionado 1021

RESUMINDO

Cristo Senhor já reina pela Igreja, mas ainda não lhe estão submetidas todas as coisas deste mundo. O triunfo do Reino de Cristo não se dará sem uma última investida das potências do mal.

No dia do juízo, por ocasião do fim do mundo, Cristo virá na glória para realizar o triunfo definitivo do bem sobre o mal os quais, como o trigo e o joio, terão crescido juntos ao longo da história.

Ao vir no fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos, Cristo glorioso revelará a disposição secreta dos corações e retribuirá a cada um segundo suas obras e segundo tiver acolhido ou rejeitado sua graça.



Revisando temas

A fé no “fim do mundo” é, para o cristão, uma notícia consoladora e de esperança, uma vez que a crença no fim do mundo e do retorno do Senhor para julgar consiste em acreditar que o mundo se move em direção a Jesus Cristo. No fim de tudo acontecerá o triunfo da verdade, da liberdade e do amor. Não é, portanto, uma força qualquer que destruirá tudo. Pelo contrário, será uma Pessoa que tudo levará a plenitude.

Crer no fim do mundo, para o cristão, significa crer que o mundo não findará por um processo físico automático e necessário. Ele chegará ao seu fim-finalidade a partir de decisões da liberdade. O sentido (o fim) de tudo não será o resultado de um processo natural e sim da responsabilidade baseada na liberdade. Por isso a volta do Senhor será a Sua vinda como juiz dos vivos e dos mortos.

Assim crer no fim do mundo faz com que o cristão leve a sério o exercício de sua liberdade, liberdade dada por Cristo, é verdade, mas verdadeira liberdade, a qual não é substituída pela graça. O destino definitivo do mundo e de cada ser humano não é imposto por Deus. Conforme diz Santo Agostinho: o Criador nos fez sem nós, mas Ele não nos salva sem nossa liberdade.

A crença no fim do mundo e da vinda do Senhor como juiz desperta a consciência da responsabilidade humana, opondo-a a falsa confiança de quem acredita ser suficiente dizer “Senhor, Senhor!” para entrar no Reino.

Nesse sentido o Catecismo afirma tanto a radicalidade da graça quanto a responsabilidade do cristão. A salvação é dom e responsabilidade. Assim a vinda do

Senhor como juiz incute tanto a alegria e a confiança do Evangelho da graça que nos arranca da própria impotência quanto a seriedade da responsabilidade que nos é exigida em nosso cotidiano.

À luz do artigo 7 do Símbolo Apostólico, o cristão vive, por um lado, a serenidade de quem foi libertado do pecado e posto na justiça superabundante que é Jesus Cristo e, por outro, a responsabilidade de saber que com Deus não se brinca.

O cristão tem, por um lado, a consciência jubilosa de que nada pode destruir o que Deus fez, de que o Seu amor é sem arrependimento. Sabe, por outro lado, de que deve levar Deus a sério e de que deverá prestar contas dos dons que lhe foram confiados. O artigo do julgamento põe o cristão diante de Jesus que irá perguntar e cobrar sobre a responsabilidade e o modo como a liberdade foi usada.

Uma vez que recitamos sempre o “Creio”, continuamente somos chamados a levar nossa vida a sério e é exatamente essa seriedade, que confere dignidade ao nosso viver.

O julgamento dos vivos e dos mortos se dará de acordo com as obras de cada um. O Catecismo explica, porém, que, sem minimizar a responsabilidade do cristão, esse julgamento “revelará a disposição secreta dos corações”. O julgamento divino não é uma ação extrínseca, ao contrário revela e torna evidente, também para si mesmo, a verdade de cada um.

O dom oferecido por parte de Deus reclama a acolhida do dom por parte do ser humano. O dom de Deus é sem arrependimento, mas para alcançar a salvação é indispensável aceitá-lo com todo o coração, e é o julgamento do último dia que revelará a aceitação ou a recusa da graça e do amor de Deus.

Nesse sentido, o Catecismo é muito coerente em apresentar as obras de misericórdia não como moeda de troca, mas como sinais reveladores das disposições interiores de cada um. Com efeito, “a atitude em relação ao próximo revelará o acolhimento ou a recusa da graça e do amor divino. Jesus dirá no último dia: ‘Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes’” (678).

Professar que o Senhor virá para “julgar os vivos e os mortos” significa crer que o desfecho do mundo não depende de nós, mas está nas mãos de Deus, que a última palavra sobre este nosso mundo não será dada pela injustiça. Temos a certeza fundada de que a última instância de apelação que garante a justiça e o amor é a do Senhor Jesus.

Quem vem para julgar os vivos e os mortos não é um deus qualquer, indefinido, desconhecido. O julgamento foi confiado a Jesus que, como homem verdadeiro, é nosso irmão. Assim não é um estranho que nos julgará, mas Aquele que nós conhecemos pela fé. Assim não seremos postos diante do tribunal de um desconhecido, mas dAquele que é um de nós, que conheceu e sofreu nossa existência humana em todos os seus aspectos.

Por isso, o julgamento dos vivos e dos mortos não é apenas o “dia da ira”, será dia da volta do Senhor. Por isso o cristão, enquanto caminha nesta vida recita o “dies irae” mas sobretudo o Maranata (vem Senhor Jesus)!

“Naquele dia do temor, o cristão perceberá, surpreso, que Aquele a quem ‘foi dado todo o poder no céu e sobre a terra’ (Mt 28,18) foi, na fé, o companheiro de seu dias na terra, e é como se lhe impusesse as mãos já agora, nas palavras do Símbolo, para dizer: ‘Não tenha medo, sou eu’. Talvez seja esse pensamento, que é o pano de fundo de nosso Credo, a melhor resposta para o problema intrincado do juízo e da graça” (RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, 240).

Glossário

O que é recapitulação?

É um termo que, na sua forma verbal, se refere a Cristo que reconduz no mundo todas as coisas à unidade (Ef 1,10). Na mesma linha, alguns Padres da Igreja, como Santo Irineu (aprox. 130 - aprox. 200), apresentam Cristo como cabeça da Igreja que realiza o plano de Deus na criação e na história da redenção.

O que é “anticristo”?

O adversário supremo de Cristo, conexo com o fim do mundo (1Jo 2,18.22; 4,3) e identificado com aqueles que negam a encarnação (2Jo 7). Foi identificado também com o “homem iníquo” (2Ts 2,3-10) e com “a Besta” (Ap 11,7; cf. DS 916; 1180).

O que é milenarismo?

Crença, influenciada pelos escritos apocalípticos e baseada em uma interpretação crítica de Ap 20,1-7, de que Cristo reinará sobre a terra por mil anos com os seus santos até a derrota definitiva de Satanás e a entrada definitiva na glória. Nos primeiros séculos, também entre os cristãos, como S. Justino Mártir (aprox. 100-165) e Santo Irineu de Lião (aprox. 130-200), vigorava essa crença. Depois de Santo Agostinho de Hipona (354-430), somente algumas seitas (por ex. pelo ano 1000) reviveram às vezes o milenarismo.

